Caminhada Orientada com Deficientes Visuais um Relato de Experiência[1]

Elisabete B. Acosta[2]**, Indira Saad Brum**[3]**, Eduardo de Sena Käfer**[4]

INTRODUÇÃO

A história da deficiência está diretamente relacionada às culturas, crenças, ideologias, valores construídos socialmente. Por muito tempo, os deficientes eram explicados como amaldiçoados, pois haviam sido castigados por seres superiores, carregavam em seu corpo a imagem do pecado.

O deficiente visual foi também estigmatizado por vários séculos. Foi em 1829 que Louis Braille, aluno do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, inventou o Sistema Braille, processo de leitura e escrita em relevo. O Sistema Braille é um instrumento de aprendizagem e inclusão social. Em 1878, no Congresso Internacional, em Paris, esse sistema foi universalmente institucionalizado como método de ensino para deficientes visuais.

Desde então, várias foram às conquistas para a melhoria nas condições de vida dos deficientes visuais. Contamos com o treinamento de cães-guia, o aperfeiçoamento das bengalas o que vem ajudar na orientação e mobilidade desses indivíduos, possibilitando a eles maior independência em seu espaço social. Essa independência faz parte de um processo onde os deficientes visuais ou de qualquer outra ordem participam da construção social, que requer mudança de comportamento no sentido de dar conta das necessidades de todas as pessoas, indiscriminadamente.

METODOLOGIA

O Projeto "Caminhada Orientada – alternativas na Escola José Álvares de Azevedo" inspirador deste relato teve início aos sete dias do mês de abril, com o intuito de proporcionar aos deficientes visuais a prática da caminhada e ainda, outras atividades físicas.

---

[1] Relatório referente à experiência de estágio na Escola José Álvares de Azevedo, no primeiro semestre de 2009.

[2]Professora do curso de graduação em Educação Física (FURG) no primeiro semestre de 2009, responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado I.

[3]Aluna de graduação no curso de Educação Física/licenciatura no 5° semestre

[4]Aluno de graduação no curso de Educação Física/licenciatura no 5° semestre

Diante da privação visual o indivíduo perde-se de sua imagem corporal, ou seja, perde parte da imagem que tem de si. Essa imagem é que o faz social, a perda do sentido o impossibilita de sentir-se, através do olhar, aceito ou rejeitado pelo próximo, que é quem constrói, juntamente com ele, sua existência, por isso os deficientes visuais acabam optando pelo isolamento.

Frente a essa realidade elegemos como prioridade a prática de atividades que fizessem com que os sujeitos estabelecessem relações com seus corpos, com o outro e também com o meio. A ginástica, o alongamento, a dança, o movimento em si influenciam no desenvolvimento corporal da pessoa cega. O espaço dividido com o grupo auxilia na aceitação de sua deficiência e no fortalecimento de sua auto-estima, já que ali uns reconhecem-se nos outros. Partindo dessas vivências particulares, procuramos encorajá-los para estreitarem suas relações com o meio social.

A Educação Física para essa população tem papel importante, tanto no seu desenvolvimento corporal, aumento do tônus muscular e resistência física, quanto na reaquisição de sua independência e autonomia. Tomando como prioridade esses princípios é que elaboramos as aulas.

Os alunos relatavam o quão indispensável são essas atividades, pois funcionam como mediadoras entre eles e o seu corpo, eles e o meio, eles e os outros todos, já que nos enxergamos e realmente somos indivíduos únicos. São nas experiências que nos constituímos homens e mulheres sociais.

CONCLUSÃO

A bibliografia que norteou a prática foi fundamental, entretanto, não descrevia o quão gratificante seria esse trabalho, tanto no campo profissional quanto no pessoal. A oportunidade de trabalhar com deficientes visuais trouxeram novidades ao repertório da Educação Física para qual viemos sendo formados, já que não somos, especificamente, preparados para lidar com privações de quaisquer naturezas.

A vivência junto aos deficientes visuais nos faz, como profissionais, querer aprimorar as práticas, estimular os sentidos e como pessoas, nos faz valorizar os pequenos gestos, as possibilidades das quais dispomos por enxergarmos, respeitar as tantas histórias de superação.

As dificuldades foram diretamente proporcionais ao crescimento profissional e pessoal. No início me perguntava por que tinha escolhido uma prática de estágio tão difícil.

Hoje, sei que nada foi em vão e que esse foi exatamente o momento certo para vivenciar todas as experiências que um trabalho com portadores de necessidades pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

CASTRO, José A. M. **Orientação e Mobilidade:** alguns aspectos da evolução da autonomia da pessoa deficiente visual. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 9, p. 13-15, 1998.

MAZZONI, Alberto A.; TORRES, Elisabeth F. **A percepção dos alunos com deficiência visual acerca das barreiras existentes no ambiente universitário e seu entorno.** Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 30, p. 9-17, 2005.

SANTOS, Admilson. **O corpo cego.** Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 20, p. 3-6, 2001.

VARGAS, Soyane de A. V. **Por uma metodologia de ensino das atividades físicas para pessoas idosas portadoras de deficiência visual (PIPDV).** Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 20, p. 13-16, 2001.